

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

META

Expor os princípios básicos da Morfologia, segundo a Gramática Descritiva.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

conhecer as noções introdutórias da Morfologia, numa perspectiva da Lingüística;

compreender os conceitos fundamentais da Morfologia como base para a análise morfológica.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer os planos em que a língua portuguesa pode ser descrita. Sabemos que a Morfologia e a Sintaxe são áreas de estudo que se comunicam.



(Fonte: <http://karinaghiglino.files.wordpress.com>)>

INTRODUÇÃO

Você viu que a Morfologia e a Sintaxe são planos da descrição da língua que aparecem juntos na morfossintaxe, levando-se em consideração o fato de se auxiliarem, privilegiando as interrelações entre os dois níveis. No entanto, Joaquim Mattoso Câmara Júnior, o pai da Linguística, no Brasil, observa o caráter autônomo da Morfologia, valendo-se da idéia de relação associativa ou paradigmática. Por exemplo, o substantivo *gato*, através de suas relações de oposição no paradigma, é masculino e singular, valores morfológicos. Veja bem, podemos estudar Morfologia, conceituá-la, embora saibamos que a referência à Sintaxe e a outros planos de descrição é constante.

De um ponto de vista metodológico, vamos nos deter um pouco no estudo da Morfologia, visando à observação de aspectos sincrônicos, ou seja, do “aqui e agora”, porque os mecanismos de funcionamento de um idioma antecedem as explicações de caráter histórico ou diacrônico. Por exemplo, do verbo *comer* derivaram *comida*, *comilança*, *comilão*, conduzindo-nos à conclusão de que seu radical é *com* (diferentemente do radical latino *ed*). Logo, não interessa ao estudo da Morfologia saber que no passado o radical do verbo *comer* era *ed*, *comedere*. Ao realizar aspectos sincrônicos, a língua é vista no contexto atual.



(Fonte: <http://blogs.ya.com>).

MORFOLOGIA

Quando surgiu o termo lingüístico Morfologia? Você deve estar curioso, não? Devemos lembrar-lhe, meu caro aluno, que os gramáticos clássicos, na Antiguidade greco-latina, já dividiam a gramática em três partes: *flexão*, ou “acidentia”, a *derivação*, ou formação de palavras e a *sintaxe*. Consideravam as palavras como indivisíveis, sem fazerem qualquer alusão ao morfema. Somente no final do século XVIII, a descoberta do sânscrito (antiga língua sagrada dos hindus), permitiu o reconhecimento de uma estrutura interna das palavras com a depreensão de unidades mínimas como raízes e afixos. Veja que, de alguns séculos antes de Cristo até o século XVIII, não tínhamos estudos de morfemas. Somente na segunda metade do século XIX, por volta de 1860, a palavra morfologia foi utilizada pela Lingüística, referindo-se à flexão e à derivação. No Brasil, o professor e linguista Mattoso Câmara lançou o seu livro “Princípios de lingüística geral” em 1942. Conforme você aprendeu, trata-se de uma ciência muito nova.

Qual é o objeto da Morfologia? O que tal ciência estuda?

Vejamos primeiro a definição bastante didática de Leonor Cabral: “uma definição de morfologia que a considere como um componente separado da sintaxe e tendo como unidade mínima e máxima de seu objeto, respectivamente, o morfema e a palavra, seria: parte da gramática que descreve as unidades mínimas de significado, sua distribuição, variantes e classificação, conforme as estruturas onde ocorrem, a ordem que ocupam, os processos na formação de palavras e suas classes.” Assim, vemos que, diferentemente de Saussure, que não via a Morfologia como objeto autônomo, outros linguistas importantes, inclusive Mattoso Câmara, reconhecem a possibilidade de estudá-la separadamente da Sintaxe.

DIVISÃO DA MORFOLOGIA

Você sabia que podemos dividi-la em dois ramos de estudo?

Os estudiosos (linguistas) estabelecem diferenças entre tipos de Morfologia, a flexional e a derivacional. As flexões ou desinências (DMT, DNP, DG e DN) modo-temporais, número-pessoais, de gênero e número, respectivamente, são vistas na Morfologia Flexional. “A flexão é uma variação de caráter morfossintático”, segundo Maria Nazaré Laroça (1994). A variação é uma exigência da concordância nominal ou verbal. Ex.: “Tu ganhaste vários prêmios?” Há uma dependência da palavra “tu”, com o verbo ganhaste (2ª singular), bem como das formas de plural em vários e prêmios.

A flexão ou variação de verbos e nomes é uma série fechada e constante, pois há uma previsibilidade no sistema interno da língua. Por exemplo: “Vou ao clube”; se o plural da primeira pessoa é vamos, não posso

acrescentar aí um significado novo. O plural de “belo rapaz” é “belos rapazes” e disso não posso fugir. A flexão é também algo que tem estabilidade semântica. Há séculos o plural de flor é flores, sem extensão de sentido.

Agora você vai aprender do que trata a Morfologia Derivacional, o outro ramo dessa interessante área de estudo. Também chamada de lexical, seu objeto de pesquisa é a estrutura das palavras e os processos de formação do léxico; consiste numa série aberta à possibilidade de criação de novas palavras. Uma oposição lexical estabelece a diferença no léxico ou dicionário. Exemplo: amar (verbo), amante (substantivo) e amado (adjetivo ou verbo) são palavras diferentes. Já na flexão as desinências verbais e nominais ou os elementos “não-gramaticais” são selecionados pela gramática, sem mudança de classe ou significado. Através das flexões, não criamos palavras; isso marca uma oposição com a derivação, que, ao incluir prefixos e sufixos a uma base, cria novos vocábulos. Exemplo: amar (verbo), amador (substantivo).

Agora vamos entender noções de conjunto e estrutura. A língua é uma estrutura organizada, ou seja, dispõe letras do alfabeto de modo a formar palavras; isso no caso das línguas alfabéticas. O conjunto são as peças jogadas sem ordenação. Exemplo: “*mroa*”. Se dispusermos tais letras numa certa ordem, teremos *Roma*, *Omar*, *ramo*, *amor*, *mora*, estruturas da língua com forma e sentido, além da função sintática.

CONCLUSÃO

A Morfologia, conseqüentemente, tem certa autonomia em relação à Sintaxe, sem contudo deixar de fazer constantes referências ao critério funcional ou sintático. Cabe-nos delimitar os campos de análise, focalizando ora um, ora outro, sem diminuir o valor deste ou daquele. Saber criticar, julgar, marcar as diferenças entre áreas afins é importante para a descrição linguística.

Não se perca nestas águas, meu caro aluno; a viagem pelo universo dos estudos morfossintáticos pode ser tranqüila. Só depende de você!!

RESUMO

A Morfologia deve ser estudada ao lado da Sintaxe, contudo é possível separá-las para efeito didático, pois tem como objeto de análise os morfemas da língua portuguesa. Reconhecendo sua autonomia, podemos fazer a análise morfológica voltada para a Morfologia Flexional ou Derivacional, esta última também chamada de Lexical. A primeira visa ao estudo das flexões verbais e nominais (DMT, DNP, DG e DN) enquanto a segunda propõe-se a estudar o processo de formação de pala-



bras, suas classes e funções (lexicais ou gramaticais). Também você viu que a língua é uma estrutura; isso requer ordem e ligação entre as partes, para ter sentido. Caso contrário, é apenas um conjunto de elementos soltos, que não chegam a estabelecer uma comunicação.

ATIVIDADES

1. Conceitue Morfologia.
2. Estabeleça a diferença entre Morfologia Flexional e Derivacional.
3. Identifique, nos exemplos abaixo, os fenômenos de flexão e derivação:
 - a) irmãs
 - b) descentralizar
 - c) correríamos
 - d) bonequinhas
 - e) filhote
 - f) falaríamos
 - g) deslealdade
 - h) aspereza
 - i) vozes
 - j) amável



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A primeira questão deve ter uma resposta original, ou seja, uma conceituação do aluno, que pode ser baseada em diversas leituras. Ao responder à segunda questão, escreva o que entendeu desses ramos da Morfologia, exemplificando cada um deles.

Para responder à terceira questão, observe o modelo abaixo:

tristeza – sufixo “ez” (derivação)

impossível – prefixo “im” e sufixo “vel” (derivação)

meninas – “a” desinência de gênero (flexão), “s” desinência de número (flexão)

amavas – “va” e “s” (flexões de modo-tempo e número-pessoa, respectivamente)

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1986.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. Juiz de Fora, UFJF, 1994.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **Estrutura morfo-sintática do Português**. São Paulo: Pioneira, 1974.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. 4 ed. São Paulo: Ática,, 1998.
- KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília P. de Souza. **Lingüística aplicada ao português: Morfologia**. São Paulo: Cortez Editora,1989.